

O COMMERCIANTE DE SÃO PAULO

Director-DR. COUTO DE MAGALHÃES

ANNO IX

S. PAULO—Segunda-feira, 12 de agosto de 1901
STEREOTYPADO E IMPRESSO EM MÁQUINAS ROTATIVAS DE MARINONI

RUA DE S. BENTO, 35—B
Telephone, 619

NUMERO 2662

Anodynus

Reconhecendo que dentro dos moldes do regime vigente não há salvação possível para a pátria, que, de dia para dia, mais se afunda no lodo da miséria, da degradação moral, da política ignominiosa, aterrados diante da onda de desengano que, de dia para dia, mais se avoluma; não querendo, porém, confessar nobremente toda a verdade, os sustentadores do regime — os ideólogos por afofado às abstrações, os propagandistas por melindres de amor próprio, e os restantes por interesse — procuram contornar a dificuldade e apellam para a revisão, para o parlamentarismo, para a hybridação dos sistemas parlamentar e presidencial, na esperança de que esses anodynus, acalmando a irritação popular, proporcionem mais alguns annos de vida ao systema politico que tem arruinado a nação.

Esta é lição constante da historia: os governos mau, se defendem bem. Suspeitosos, astuciosos, por isso que lhes falte a força moral que vem do apoio da opinião, esses governos são cautelosos e precavidos. Na sua defesa, não há meio algum cujo emprego não lhes pareça justificavel: a violencia, o suborno, a sophisticação, as exhibições apparatus de força, os fraudes e as capitulações vergonhosas diante dos fortes.

Exemplo frito desta verdade offerece este ultimo decennio da vida nacional.

Viver, viver o mais tempo possível, tem sido a unica preocupação do regime actual.

Para prolongar essa existencia não houve recurso algum diante do qual se deixasse o escrupulo dos detentores do poder, sem exceptar a mais desabusada falsificação da historia e o emprego dos processos com que a pyrotechnia official costuma embalar a credulidade publica.

Após nos de deluge — eis a divisa dos governantes.

Não há muitos meses, uma mensagem presidencial, com uma seriedade que seria comica, se não fosse um encargo lançado á nossa miséria, pintava com cores rícoras, aos seus designados do Congresso, a situação financeira do país.

Mais recentemente, porque o governo — que a troco das mais vexatorias condições obtivera dos nossos credores uma moratoria de tres annos — havia, enfim, conseguido arrancar do povo, por meio de tributos que apalliam a nação, a quantia precisa para pagar os juros de um semestre da divida externa, governo e Congresso entoaram hymnos festivos e andaram a distribuir espalhafatosamente cordões de louros — scena do grande effeito theatral, destinada a convencer o povo de que, com a terminação do funding, terminados estavam os nossos males e uma nova era de prosperidade e de abundancia se abria para a nação.

Agora, porém, que esse povo está completamente desiludido; agora que essas ficções politicas se descredibilizaram; agora que todos os olhos se voltam saudosos para o passado, os sustentadores do regime, sempre sagazes, apellam para a revisão e para o parlamentarismo, na suposição de que assim levantam um dique á corrente da opinião e que retardam a hora do cataclysmo final.

Apelamos mesmos que no antigo regime tanto clamaram contra o parlamentarismo, os theoristas que só na república presidencial anteviam a formula salvadora, ceciliam agora com a presteza do bicho da seda, e no mais publico dos autos de fé queimam os ideólogos que adoraram, na esperança de que essa concessão aos realmeiros da opinião seja engodo sufficiente para poupar ao incendio a egreja que levantaram.

Quanta illusão!

E' inutil alijar a carga quando a nau era desvarovada, porque lhe faltam um piloto e uma tripulação adestrada.

Admittindo mesmo que a volta ao parlamentarismo, ou a adopção da extravagante hybridação sonhada pelo sr. Alberto Salles, sejam remedios bastante effizes para a salvação do país; admittindo ainda que essas reformas sejam compatíveis com a federação e com o systema eleitoral vigente, o estado do enfermo é tão grave, que elle não pôde esperar pelo avizamento de suas receitas complicadas, ou pelos resultados dessas verdadeiras experiencias de alima vivas com que o estio ameaçava os curandeiros politicos.

Revisão, parlamentarismo, hybridação dos sistemas são, para o caso, verdadeiros anodynus.

Trata-se de um caso difficle applicavel o *forceps*, se queremos salvar a parturiente.

Foi sancionada a resolução do Congresso Federal que autorisa a concessão de mais um anno de licença ao dr. Alfredo de Barros Oliveira Lima, lente da Faculdade de Direito desta capital.

A legação da Alemanha, no Rio, communicou ao Ministerio das Relações Exteriores que fará celebrar um offcio fanebre por alma de S. M. a Imperatriz Frederica, no dia 13 do corrente, ás 7 1/2 horas da manhã, em Petropolis.

Parlamentarismo

Por ser o parlamentarismo materia conhecida do questionario, que publicamos, sobre o *Balanco politico* do dr. Alberto Salles, daremos amanhã o *Manifesto republicano parlamentarista*, que, em 1890, foi impresso e distribuido de nossa capital.

Os porque a tiragem fosse pequena, ou porque tal systema fosse ainda aspiração vaga, mal definida, o *Manifesto* passou despercebido; as questões nelle aventadas foram, talvez, esquecidas pelos poucos que o leram; algumas arguições, que hoje são repetidas, foram por elle estudadas, tal como a compatibilidade do regime parlamentar com a federação.

Publicando o *Manifesto*, nada mais visamos do que satisfazer a justa curiosidade de nossos leitores, que pol' O *Commerciante* de São Paulo têm acompanhado, tratadas largamente, as ultimas questões politicas deste Estado.

O *Manifesto*, segundo nos informaram, foi escripto, depois de firmadas as bases em reunião dos signatarios, pelo dr. Brasilio dos Santos, cujo nome nos traz ao espirito a saudosa recordação de um caracter austero, de uma intelligencia primorosamente culta, do um civismo intomavel.

CRISPI

Depois de longa agonia, falleceu o notavel estadista italiano, Francesco Crispi.

Designando o infante passamento do illustre homem politico, estampamos na nossa edição de hoje um artigo, obsequiosamente escripto pelo nosso distincto confrade Emilio Giannini, um dos redactores do *Paesella*.

Para o referido artigo, em que o talentoso collega, em rapida e brilhante synthese, resume a carreira politica do illustre extinto, chamamos a attenção dos nossos leitores.

Por decreto de ante-hontem, foi nomeado o lente dr. Alfredo Thomé de Brito, para o cargo de director da Faculdade de Medicina da Bahia.

ASSASSINATO BARBARO

DOUS CONTRA UM

Agressão covarde

Os antecedentes

Francisco Campoloni, italiano, natural de Cosenza, de 46 annos de idade, era estabelecido com diversos agenciamentos na capital, dentro os quaes uma á rua da Esperança, e residia á travessa do Mercado, 30, com a familia.

Tendo esta, ha poucos meses, ido passar á Europa, elle aqui ficou apenas com um dos filhos mais velhos, e frequentava assiduamente a casa do seu compatriota Luiz Tolesano, no Lavapés, de cuja mulher, Laurita Maria, — aymigou a policia, — era amante.

Laurita, aconselhada pelo proprio marido e por um tipo de nome Pascoal Gallardo, tambem seu amante, explorava-o torpemente, obrigando-o constantemente a enormes gastos pecuniarios.

Elle se fazia de bom grado, enquanto não comprehendeu os verdadeiros fins do amor clandestino da Laurita.

Ultimamente, tendo voltado da Europa sua familia, Francisco Campoloni abandonou Laurita. Esta, entretanto, continuou a procurar o alimo e exigia delle uma certa quantia para a manutenção de um boqueim, armazem, ou coisa que o valha. E porque Campoloni tivesse declarado terminantemente que não a attenderia, Laurita, seu marido e seu amante Gallardo juraram vingança atroz.

O crime

Hontem, á tarde, Campoloni foi visitado um amigo no Camboy. Quando de lá voltava, ás 6 1/2 da tarde, ao passar por um ponto ermo e desabitado da rua do Lavapés, e a proximidade de uma cochoira de bonde que ali existia, encontrou-se com Laurita. Ella o esperava sózinha. Vendo-o, elle se dirigiu, amavel e enrubescido, e fustigou novamente o pedido de dinheiro, procurando ainda entretelo com outras conversações.

Apresentando-se a distracção de

Campoloni, Luiz Tolesano e Pascoal Gallardo sahiram subitamente de um matto proximo, onde estavam occultos, e o agrediram traiçoeiramente, dando-lhe o primeiro varias cascadas, que o aturdiram, e vibrando-lhe o segundo uma profunda facada no ventre, desapparecendo em seguida com Luiz e mais Laurita.

A pobre victimia calou prostrada, deitando pela abertura do ferimento grande hernia intestinal e muito sangue.

Tudo era escurido no local. Nem viva alma.

Campoloni, quanto mais esforço empregava para gritar, mais sangue perdia e mais se enfraquecia. Apenas gemia o infeliz, que entrara a lutar com a morte.

A policia

Vinte ou trinta minutos depois de occorrido o facto, foi que os dignos apparecer o condante da rua, Manoel de Almeida e Silva, praça 193, da 4.ª companhia da guarda civil.

Após deparar com um indiflexo a gemer e a doer sangue, entrou no meio da estrada, teve tamanho susto, que quasi desmaiou.

Recuperados a calma e sangue frio, achou que a unica providencia a adoptar era esta: ir dar parte á policia do Barrio de Iguape. E foi. Achevase de serviço no posto o capitão João Evangelista de Souza, 2.º subdelegado.

Esta autoridade immediatamente telephonou ao dr. Pedro Arbués, 2.º delegado, que fazia o serviço da noite na Policia Central. O dr. Pedro Arbués deu sem demora as providencias que o caso requeria, enviando agentes seus ao local do crime e dando instruções ao capitão João Evangelista, sobre o modo como devia agir.

Francisco Campoloni foi transportado no carro do ferido para a Repartição Central, e dali, depois de examinado pelo dr. Honorio Libero, medico-legista, removido para o hospital da Misericórdia, em estado gravissimo.

Embora quasi agonizante, Campoloni fez declarações ao dr. 2.º delegado, informando-o sobre o nome e signaes dos seus aggressores, bem como sobre os motivos da aggressão.

Tas informações foram transmitidas ao capitão João Evangelista de Souza, 2.º subdelegado do Sul da Sé, que, de posse das mesmas, dali a pouco, effectivou a prisão de Pascoal Gallardo e Laurita auxiliados pelos agentes mandados pelo dr. 2.º delegado. Tambem foi preso, para averiguação, um individuo encontrado no local do crime.

Campoloni, dando entrada na Santa Casa, foi immediatamente recolhido a uma das enfermarias de cirurgia, recebendo curativos do dr. Mattoso. Debalde foram, entretanto, os esforços do facultativo para salvá-lo: veio o infeliz a fallecer ás 10 horas da noite.

Notas

O cadáver será hoje autopsiado, no necrotério do Aracá.

—A policia está em activas diligencias para prender Luiz Tolesano, cúmplice de Pascoal Gallardo.

—Como se vê da narrativa que fizemos, o crime obedeceu á premeditação.

—A mulher e filhos de Campoloni achavam-se na Policia Central na occasião em que o infeliz alli chegava ferido, dando-se como commovendo scena, facil de imaginar, mas que a pena do noticiario não abe descrever. E naquelle occasião o desventurado Campoloni ainda tinha vida!

Os estudantes

Os estudantes de Direito, a que se associaram seus collegas das outras escolas superiores, resolveram comemorar festivamente a data de hontem, — anniversario da fundação dos cursos juridicos no Brasil.

Para esse fim, organizaram á noite uma imponente *parade aux flambeaux*, que partiu ás 7 horas da noite do largo de S. Francisco, precedida de uma banda de musas.

Descendo a rua de S. Bento, foi, primeiro, alvo dos applausos da brava mocidade os nossos collegas do *Fu-fu-fu*, que foram saudados pela academica Leopoldo Guarani de Faria Rios, presidente, pela relectora, o sr. De Giani.

Dali, continuando a sua marcha, o prestigio, pouco depois, parava em frente d'O *Commerciante* de São Paulo. Uma das palavras o academico Leito de Assumpção, que, em eloquente improviso, saudou esta folha.

Respondendo-lhe o dr. Couto de Magalhães.

Quando o nosso director apenas começava o seu discurso, foi interrompido por um não agenciado energico, que partia de individuo que se havia associado ao prestigio academico.

O dr. Couto de Magalhães começou assim o seu discurso:

—Faz muito bem a mocidade saudar em não deixar passar despercebido o 11 de Agosto.

Commemorando a fundação dos cursos

juridicos no Brasil, os estudantes de S. Paulo, ao passo que rendem uma tradicional homenagem da Academia á data de sua criação, protesta ao mesmo tempo contra aqueles que tentaram, num impeto quixotesco, revogar a nossa Constituição Politica. (Applausos. *Applausos gerais*).

Estudantes de Direito, amigos da liberdade, protestaram hontem, em vibrante manifesto, contra o acto violento que pretendia a todo trance prohibir manifestações publicas, como se fora crime o exercicio de um direito ontorgado pelo nosso pacto fundamental; contra o acto violento...

E o nosso director não pôde continuar, porque logo no preito se estabeleceu indescriptivel tumulto.

Para defender de uma invasão das officinas d'O *Commerciante*, o director desta folha abandonou por instantes o seu logar.

Serenado o tumulto, voltou a falar o nosso director, que continuou:

«Pontões de baionetas, patas de cavallo, tentaram he dias, mas tentaram em vão, abalar os estócos de entusiasmo da mocidade, que vis, na queda de um ministro, a queda da propria ignorancia enfastada.

A mocidade não se resignou ao papel de victimia indefesa, mesmo porque, se victimas houve nos ultimos motins, essas foram as leis menoscabadas pelas autoridades do Estado.

Hontem-se do novo, hoje, os estudantes, mas num bando alegre e ruidoso, mas ruidoso apenas de entusiasmo.

Cuidado! A estrada que vos parece de rosas pode ter espinhos no troço desta manifestação! Mas ficam tranquilos! Se a vossa calma, se a vossa prudencia, se os vossos gritos de entusiasmo foram portulados pelas patas dos cavallos e pelo ar das baionetas, ha ainda, para defender-vos, além do Direito, que está a vossa lado, a voz da imprensa independente.

O discurso do nosso director foi constantemente interrompido por applausos da brava mocidade.

Após o discurso do dr. Couto de Magalhães, por entre vivas, desceu a imponente manifestação a rua de S. Bento, em direcção ao *Estadio*.

Deixou os academicos, o sr. Simões Lopes tomou a palavra, saudando a relectora daquela folha; respondeu-lhe o dr. Julio de Mesquita.

Na occasião em que este orava, deu-se um rapido panico entre os manifestantes, provocado pela passagem de uma praça de cavallaria, a serviço, que foi precedida dos gritos de *li seu cavallaria*, gritos estes partidos dos garotos que se aglomeravam do preito.

Após o discurso do dr. Julio Mesquita, os rapazes andaram a rua 15 e só então viram que a banda de musas que os precedia tinha andado, naturalmente amedrontada, ante o tumulto que se dava em frente a esta relectora.

Isto, porém, não impediu que o entusiasmo e a imponente manifestação perdesse algo de sua communitabilidade, e os vícios á Academia, ao *Estadio*, foram ter se *Diario*, onde ora o sr. Achilles Jardim, por parte dos academicos.

A *Latia* e o *Imperio*, por terem conservado hontem as suas portas fechadas, não foram saudados, mas não esquecidos, porque não raro se ouviam vivas a essas collegas, phreaticamente correspondidos pela mocidade.

Em seguida, observando o trajeto de antemão traçado, os retiraram-se do *Diario*, e, subindo a rua 15 de Novembro, até a rua Direita, atravessaram esta, Viaducto, rua Largo de Itapetins, praça da Republica e rua de São João, até á casa do dr. João Monteiro.

Os manifestantes, ao dividirem-se, no terraco que dá para o jardim, saudaram-nos com uma estrépito e prolongada salva de palmas.

Uma commissão representando os diversos annos da Faculdade foi recebida pelo illustre vice-director.

Fez-lhe a saudação da estylo o sr. annista dr. Oliveira Pinto.

O dr. João Monteiro agradeceu, offerecendo á commissão uma taga de champagne.

Quando se reuniram os manifestantes os incumbidos de apresentar as saudações dos rapazes ao illustre cathedra da Faculdade, falou o academico Flores da Cunha, em despedida, sendo retribuido pelo dr. João Monteiro.

Dali, a manifestação voltou á cidade e dirigiu-se para o largo de S. Francisco, afim de recolher o estandarte, dissolvendo-se na melhor ordem.

Agredido, Stephan Sabotia agredido hontem, ás 7 horas da noite, do largo Municipal, por Henrique Delgado, ferindo-lhe um ferimento de escotilha alto da syno-goga.

O aggressor foi preso em flagrante.

Se como via Jure de hoje será julgado o processo que dá a de Faria Rios de Faria Rios, ferindo-lhe um ferimento de escotilha alto da syno-goga.

De quarenta annos, quando era deputado ao Parlamento.

Marombando...

Num dos corredores do Congresso do Estado, dois deputados conversavam amistosamente. Um reporter d'O *Commerciante* conseguia approximar-se, sem ser percebido, e ouviu a seguinte edificante conversação:

—...porque, devo confessar, não é de hoje que data a minha grande e profunda sympathia, aliás desinteressada, pelo querido chefe dr. Bernardino de Campos, illustre senador e futuro presidente do Estado.

—Futuro presidente do Estado? V. coronel, diz estas coisas com uma segurança que admira! Como, futuro presidente?

—Pois, meu caro coronel, v. não percebe? V. não vê cousas que entram pelos olhos a dentro? V. é côgo?

—Mas essa opposição de Camar, essa critica desagraviante e contemporânea (4) que reboia de repente, sem a gente esperar?

—Historias, meu velho, historias, historias. V. como é novato, não conhece o nosso organismo politico...

—Essa sua explicação é a mesma. Mas eu vou explicar como as leis da selecção, movimentadas pelas circunstancias sociais, actuam sobre a formação espontanea das ideias...

—Tome, os dois interlocutores verificam cuidadosamente que ninguém os ouve. O reporter, humilde, não se recusa a ouvir.

—V. coronel, ha de saber, como todo o mundo, que o Bernardino manda da desde que isto é Republica. Por isso importa saber como foi que elle conseguiu dominar os outros chefes, subjugou os completamente: o grande caso é que o Bernardino domina, logico, faz o que quer do governo, do parlamento e (sem vez quasi imperceptivel) do poder judiciario.

—Ora, quanto a isso (1) ha outros chefes. Bique sabendo que, apesar do imenso prestigio do Bernardino, ha outros chefes, os quaes, da tempos em tempos, procuram sahir e logo se assomam o poder. Veja o Parreito, veja o Américo Brasileiro, veja o Glycério...

—Clayton agora a vez do Camar. O Camar tem prestigio, tem grupo, tem gente sua. Entendem lá com os seus deputados, que é um desejo do Bernardino mandar o Camar, e vai, levanta, dias com muito grito, e estandarte da revolta...

—V. via o resultado: laicismo, completamento, arrumamos-lhe com trinta e tres votos, continuava.

—O sr. dia 1.º e eu que votei no Camar?

—Não tenha susto... O Camar já está meio arrependido do passo que deu, levantando a cabeça em o bojeplacado do Bernardino. V. não tem lido o *Estado*? Parece organo de partido dissidente...

—Não vejo o Camar a provocar o Julio de Mesquita, diariamente, e o Julio quieto, mauco, tragando tudo em silencio?

—Não vejo o Camar a provocar o Julio de Mesquita, diariamente, e o Julio quieto, mauco, tragando tudo em silencio?

—Vamos trabalhar, cumprir o nosso dever!

(Ainda a relectora).

J. de S.

FRANCESCO CRISPI

Nato si 4 ottobre 1819 in Irbere, piccolo paese della Sicilia, e cresciuto nella tenacia poco meno che ottantaduenne.

E qual vita fortunosa e fortunata ha traversato in codesto lungo periodo di anni!

Fa la rivoluzione scoppiata nel 1848 in Sicilia, auspicio e capo Ruggiero Stettino, che mise in evidenza per la prima volta Francesco Crispi, improvvisatosi giornalista fondando in Palermo un giornale battagliero, *L'Apollite*.

Sollecitando la rivoluzione delle truppe borboniche, Crispi dové con altri ardentissimi esulare in Francia e fu a Parigi che egli combatte e si unì alla Montanara, la donna che lasciava dopo 28 anni di unione per sposare la Barbagallo.

Da Parigi rientrò in Italia, riprendendo in Torino, dove, ritornato al giornalismo, collaborò nei giornali *La Concordia* e *Gazzetta di Torino*.

Agitatore per istinto, per temperamento, Francesco Crispi fu aspiro anche dal Piemonte, perché sospetto di cospirare con Giuseppe Mazzini per la repubblica.

Riparò allora a Malta, quindi a Londra, dove con lo stesso Mazzini strinse domestiche.

Nel 1850 tornava in Italia e seguiva Giuseppe Garibaldi in quella mirabile, quasi miracolosa spedizione del Milite, che da Marsala a Palermo restituivano a libertà la Sicilia.

Il decreto, che in nome di Vittorio Emanuele II dichiarava decaduto il potere dei Borboni dal regno delle due Sicilie, porta la firma di Francesco Crispi.



Francesco Crispi subito una posizione eminente.

Nel 1855 scrisse un opuscolo «Repubblica e Monarchia», di cui divenne celebre la frase: «La Repubblica si divide, la Monarchia si unisce».

E fu allora che si staccò completamente dal partito mazziniano e fondò in Firenze il giornale *La Riforma*, organo del partito democratico costituzionale, e che visse fino al 1896 predicando sempre ispirazione da lui.

Nel 1877, fece un giro per le varie capitali d'Europa e conobbe in quel viaggio e strinse amicizia col grande Bismarck, che ebbe per Francesco Crispi altissima considerazione.

Calato a fine 1877 Nicotera da ministro dell'Interno, Depretis, preside del Consiglio dei ministri, scelse a sostituto in quella carica, e nell'ultimo ufficio diella prova il grande formoso, e di singolare abilità, politico e per la morte di Re Vittorio Emanuele a quinto del pontefice Pio IX l'ordine al mantenne l'asterisco in tutta Italia, e la concessione al trono d'Italia, come il Conclave per l'elezione del nuovo Papa — gli avvenimenti siffattissimi nella vita di Italia — passarono come la più bella affermazione del rispetto alle istituzioni e alla libertà.

Calato poco dopo, Francesco Crispi non ritornò ministro che nove anni dopo, — nell'aprile 1887 — e nel susseguente luglio, morto Depretis, Francesco Crispi assunse le redini del governo, che tenne per ben quattro anni, cioè fino al 1891, per riprenderle nel 1893, per lasciare nel 1893 all'indomani dell'infuata battaglia d'Alina in Alisina.

Francesco Crispi, come uomo politico, come uomo di Stato, fu rievato, a giusta ragione, fra i maggiori d'Europa.

Come di grande energia — dal spugno di ferro — come si solera dire — di larghe vedute, fu fautore ferrente e sostenuto della alleanza dell'Italia con la Germania e l'Austria-Ungheria e fu lui, che nel 1891 la faceva riconfermare per un do-icennio!

Sotto il di lui governo il nome di Italia fu altamente rispettato all'estero e non dimentito mai le Colonie di italiani e soprattutto queste, dove, per ciò, e rimasta inalterata la devozione e l'ammirazione per Francesco Crispi.

Un punto nero per troppo è rimasto nella vita politica del grande statista: la campagna d'Abissinia, che costò all'Italia il sacrificio di tanti generosi e lo sperpero di tanto denaro.

Ma ancora l'ultima parola non è stata detta in codesta infuata pagina della storia contemporanea italiana.

Quando un giorno sarà tutto in luce, si saprà, che contra la volontà di Francesco Crispi, che voleva mandare in Africa un grosso esercito prima di aprire le ostilità, il generale Baratieri, governatore allora della Colonia Eritrea, lo persuase a fidare, che con poche truppe era possibile vincere lo innumerevoli onde abissini.

Francesco Crispi ebbe fede nel vincitore de Castil e di Agordat, lui che aveva veduto i mircoli compiuti dal mille garibaldini di Marsala.

E quella fede se costò cara all'Italia non costò men a lui, che dalla disgrazia di Adua in poi vide scatenarsi contro tutti gli elementi torbidi, che sino allora era riuscito a dominar.

E fu una caccia all'uomo indecorosa, selvaggia. Si frugò nei più remoti recessi della sua vita privata: le più obbrobrionse accuse gli piombarono sul capo. Ma egli rimase impassibile agli attacchi feroci e trionfò... e trionfò anche perché il suo prestigio nell'alto

mento popolare — che ama i forti — non era scemato, tanto che nel primi del 1898, postandosi a Palermo per assistere alle feste del cinquantenario della rivoluzione del 1848, ebbe accoglienza di re, di trionfatore.

Certo Francesco Crispi ha commesso nella lunga vita politica errori portati da una soverchia megalomania di dominazione. Egli voleva l'Italia grande, rispettata, temuta e intendeva conservare alla Monarchia di Savoia il prestigio antico, e vi riuscì tenendo testa con forza e con coraggio ai partiti sovversivi, che per poco non gli fecero pagare cara, con l'attentato di lui quasi a sua vittima nel 1897.

Lo ripetiamo: il giudizio sull'opera politica di Francesco Crispi va lasciato alla storia: allora che sia spinto ogni spirito di partigianeria, allora solo si potranno serenamente apprezzare i servizi che Francesco Crispi ha reso all'Italia e alla Monarchia!

E forse una via di luce limpida, pura, si avrà ora, che saranno pubblicate al *Elaborato* la Memoria, che da lui furono due anni fa readate ad un editore inglese.

E qui giova ricordare che, oltre che avvocato celebre, giornalista di battaglia e oratore fortissimo, Francesco Crispi è stato scrittore di polso e di lui restano come scritti preziosi: *La politica del Governo del Re*; *La questione d'Oriente*; e *La buona parola*.

Francesco Crispi è morto, ma la memoria di lui sopravviverà lungamente: esempio di potenza d'uomo, di cittadino amante della Patria e del Re!

E. GIUSTI

Mais uma negociação

O *Journal de Commercio*, organo official dos arrandamentos, publicou, anteciontem, esta noticia:

«O sr. Henry Hardwick vai effectuar a compra do ouro amedeado existente no Thesouro Federal, dando um pagamento letes de cambio á vista sobre Londres, a razão de 10, 107 por cento de câmbio».

De primeira vista é um alto negocio para o Thesouro; mas considere o leitor que se trata de 1903 — ouro brasileiro — por 951812 — ouro inglez, lb. 107 a 21 d. — 8888 — 951812.

Isto é: perde a nação em cada conto do réis a bagatella de 18777 — ouro — que, naturalmente, será debilitada a conta de commissão de remessa, porque sempre ha um nome para baptisar as gargantas que se dão aos aduantes do governo e aos arrandadores deus e de outras negociações.

Ninguém ignora que a qualidade do ouro brasileiro é superior á do inglez. Pois, apesar disto, ainda rebatemos, no caso, cinco por cento!

Ahi está como fuge o dinheiro dos impostos e o ouro que o commercio vai levar ás alfordegas.

Se o sr. Campos Salles tivesse um pouco de commiseracão por este pobre povo, que lhe paga para defender os seus interesses, perguntaria ao seu secretario da Fazenda porque se queira ou precisava de dispor daquela ouro, não o pôe em concorrência?

Cada dia surge um destes negocios estranhos, illicitos, e o sr. presidente da Republica, pelo menos quando a imprensa os denuncia, tem o dever,



VINHO DE PHOSPHOGLYCERATO DE CAL DE CHAPOTEAU

Representa a forma em que o Phosphato de cal encontra-se no organismo. É um constituinte de primeira ordem indicado para combater a Phosphaturia, a Chloraturia, a Anorexia, empregado nas Convalescenças e, geralmente, em todos os casos em que a nutrição acha-se comprometida.

Prepara-se também em forma de Xarope, Capsulas e Granulos.

Deposito em PARIS: 8, rue Valenciennes, e nas principais Pharmacias.

CASA BARLETTA

AGENCIA DE LOTERIAS
LARGO DO ROSARIO, 12

A casa acima tem conquistado nesta capital, assim como em todo o Estado, a fama de feliz, devido á grande quantidade de grandes premios e mais sortes, que, no espaço de 3 annos, tem distribuido pelos seus numerosos freguezes, cujas sortes attingem á fabulosa quantia de 4 mil contos de réis.

Dispõe sempre de um bello e variado stock de bilhetes das loterias de S. Paulo e da Capital Federal, com bonita e sympathica numeracao, sempre com antecedencia de um mez.

A unica Casa Barletta que existe em S. Paulo, que tem conquistado seu nome, pela seriedade e moralidade, em suas transações, é a Largo do Rosario, n. 12, em frente á igreja do mesmo nome, prevenindo ao publico que nada tem que ver com os cambistas ou quaisquer outras pessoas que se abonam com o seu nome, visto que só se responsabiliza pelas transações feitas em sua propria casa.

Recebem-se encomendas para o interior com vantajosa commissão e fazem-se remessas com presteza e promptidão.

BELIZARIO BARLETTA

N. 12, LARGO DO ROSARIO, N. 12

Em frente á igreja
Caixa do Correo, 363 Endereço telegraphico, BARLETTA 15-6...

Polytheama-Concerto

Empresa PASCHAL SEGRETO

Direção de J. CARVALHO

MAESTRO, SR. ATTILIO CAPITANI

HOJE, Segunda-feira, HOJE

12 de agosto de 1901

Excepcional espectáculo!

Colossal successo!

Colossal successo!

Leões e ursos

ametrados pelo intrepido domador

KARL OHM.

Os celebros e seus rivais

LOS FULANOS

músicos com o-cerios

Grande successo das incomparaveis duettas

As irmãs DELINA

Cachorros e gatos

apresentação por miss MARY O'HILL

Steffen e Crebs

eyellitas conitos

Tomarão parte também nesta

entrevista a função as applaudidas

engenheiras miss Alvaro, Miss

Ennio Noss, Olga, Nora, Babi, Cami

AS HÁ DA NOITE

Espectáculo excepcional

Leões—Ursos—Cachorros

e Gatos

Todos no Polytheama, para apor

ciar emocionantes atrações.

Preços para de dia e de noite:

Primeira, 15\$; camarotes, 12\$; ca

deiras numeradas, 8\$; logeiras e

galerias, 2\$.

Nas matutinas, crianças até 5

meios pagam 100 réis.

Não ha senão

Ao Polytheama

Ano vendem da moda

THEATRO SANT'ANNA

Companhia Dramatica Italiana
CLARA DELLA GUARDIA

Dirigida pelo artista ETTORE PALADINI

HOJE—Segunda-feira, 12 de agosto de 1901—HOJE

17.º ESPECTACULO

Unica representação da comedia heroica em 5 actos, de Edmund

do Rossini, traducção de Mario Giobbe:

CIRANO DE BERGERAC

Personagens

ACTO 1.º—Una representação a palazzo Borgognoni—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Ragueneau, F. Valenti; Le Bret, A. Del Conte; Lignere, O. Bonfiglioli; De Valvert, C. Bordeaux; Un marchese, R. Erdi; Culey, S. Clari; Montigny, L. Corato; Bellarosa, E. Soripoli; Un escoteiro, G. Bizio; Un barba, L. De Bizio; Um filho, A. Clari; I porteiros, E. Martini; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; La distribuidora do doce e bocado, E. Cairo; Um commedante, M. Orlandini; Uma dama, G. Bonfiglioli;—Anno 1640—Faggy, cadetti, bogheri, muiet, commedianti, spastatori, pueri, pueri, pueri.

ACTO 2.º—La Bataglia di Fecit—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Ragueneau, F. Valenti; Un cappuccino, G. Strini; Un paggio, A. Clari; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; ACTO 3.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 4.º—Il Faccio di Rossana—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Ragueneau, F. Valenti; Un cappuccino, G. Strini; Un paggio, A. Clari; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; ACTO 5.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 6.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 7.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 8.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 9.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 10.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 11.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 12.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 13.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 14.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 15.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 16.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 17.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 18.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 19.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 20.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 21.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 22.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

ACTO 23.º—La Bataglia di Guinevere—Cirano de Bergerac, E. Paladini; Cristiano de Neuville, D. Piacentini; Conte de Guiche, U. Paleini; Le Bret, A. Del Conte; Il capitano Carbono de Castel Guiche, E. Valenti; Rossana, C. Della Guardia; 1.º cadetto, S. Clari; 2.º cadetto, L. Corato; 3.º cadetto, G. Strini; Quarto cadetto, L. Del Conte; Primo escoteiro, L. Curato; Segundo escoteiro, E. Martini; Primo poeta, S. Clari; Segundo poeta, L. Corato; Terceiro poeta, G. Strini; Quarto poeta, L. Del Conte; Rossana, C. Della Guardia; La governante, A. L. Strini; Lira, C. Bodoi;—Cadetti, ufficiali, gusconi, bogheri d'ambro 1.º e 2.º, pueri, cuchi, pueri.

AGENCIA GERAL

DA
Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

LOTerias DA CAPITAL FEDERAL

Rua 15 de Novembro, 27-A

Caixa do correio, 617

Endereço telegraphico: «Artanhos»

Outra sorte grande importante, vendida por esta agencia geral

O BILHETE INTEIRO N. 35.983—BILHETE INTEIRO

premiado com

200:000\$!!!

e toda a dezena, aproximações e cen-

tena, 22 premios na importancia de

211:400\$000!!!

Os premios acima foram vendidos ao amigo e antigo freguez desta casa, Caetano Grimaldi, estabelecido á rua Quinze de Novembro, n. 2-A, que por sua vez os revendeu aos seus innumerables freguezes.

Unica

caixa que, durante o espaço de um mez, vendeu por duas vezes a sorte grande de 200 CONTOS DE RÉIS

Unica

Sabbado—17 de corrente—Sabbado

Extracção da

Grande loteria da Capital Federal

PREMIO MAIOR

50:000\$000

A vista da sorte desta nec-plus-ultra feliz agencia geral, todos devem dar-lhe preferencia.

Os pedidos do interior devem ser dirigidos ao agente geral e representante da Companhia de Loterias Nacionais do Brasil.

LUIZ MANGEON

Rua 15 de Novembro, 27-A

Caixa do correio, 617

Endereço telegraphico, Artanhos

CERVEJA MUNCHEN (escura)

DA BAVARIA

E' a mais agradável cerveja para os dias frios

Encontra-se á venda em todas as casas commerciaes
N. B.—Esta cerveja vende-se em barris para chaps e em garrafas com arrolhamento de cortiça, ou borracha.

AO GALLO

Grande liquidacão
CAMISARIA E ALFAIATARIA

Rua 15 de Novembro, n. 18

S. PAULO

PEITORAL DE CAMBARA'

de SOUZA SOARES

Approvado pela comm. Junta do Hygiene do Rio de Janeiro
drilivado por decreto do Governo premiado com CINCO medallhas do 1.º CLASSE por diversas academias e exposições.

Remedio GABARITO e muito acreditado pelo seus effectos maravilhosos na cura das:

Affecções pulmonares

Bronchites

Rouquidão

Asthma

Coqueluche e

Tosses de toda especie

Atestado por abalizados medicos do Brasil e estrangeiro e por innumerables pessoas curadas.

A' venda nas principais farmacias do Brasil, Rio de Prata e Portugal.

Podidos do folhetos com attentados da curas, ao seu auctor, J. Alvaros Souza de Soares, em Po. etc.

BANCO DO MINHO

Agentes no Estado de S. Paulo

Garcia, Nogueira & C.
LOJA DO JAPÃO

42—Rua S. Bento—42

Sacem a taxa modica sobre

Portugal, Ilhas

Italia e Hespanha

Tambem fornecem cartas de credito sobre todas as localidades e de banga tem correspondencia.

OFFICINA DE CUTELEARIA E ARMAS

Antiga casa de Nuncio de Meco & C.

Mudou para a rua do Seminario, 49

Fabrica de facas, punhaes e tesouras

Marca DE MELO—S. Paulo

30-70

Antiga casa LEBRE

Completo e variado sortimento de perfumarias
finas dos principaes fabricantes da Europa. Rencoes